

A PROEMINÊNCIA DA MÃO DIREITA: UM ESTUDO SOBRE A POLARIDADE RELIGIOSA, HERTZ

Rebeca Campos Ferreira¹

“A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa”, de Hertz, publicado em *Religião e Sociedade* (1980), originalmente é ensaio do grupo *L’Année Sociologique*. O autor é membro da escola sociológica francesa, e a partir de reflexões sobre a polaridade entre as mãos, tomada com farto material etnográfico, concretiza as principais teorias do grupo sobre o princípio básico da religião: a oposição entre sagrado e profano. E nesse sentido, o corpo humano é a demonstração da sua tese de que o coletivo (ou espiritual) superimpõe-se ao orgânico e individual, uma vez que a simples oposição entre as mãos não é natural: está carregada de significados culturais e serve como representação de divisões e hierarquias sociais.

Na seção intitulada *Assimetria orgânica*, Hertz se refere a uma hierarquia social, a qual afirma estar baseada na natureza para dar-lhe legitimidade, tradição e proteção a inovações. Contudo, o que se verifica, apesar da semelhança, é a desigualdade entre as mãos: para a direita as honras e méritos, para a esquerda o desprezo. É a direita a que age, e a esquerda se contenta a auxiliá-la. São feitas ainda relações entre a mão direita tomada enquanto a aristocracia e a nobreza, ao passo que a esquerda remete às pessoas comuns e à servidão.

Todavia, a proeminência da mão direita não pode ser tomada como resultado do organismo, uma vez que se deve à convenções sociais e crenças. O autor vai analisar as tentativas em atribuir causa anatômica à dexteridade, tomando a prerrogativa da mão direita na assimetria dos centros nervosos; porém, há dificuldade em provar. Isso porque o privilégio não é inerente à estrutura humana e deve sua origem a condições exteriores ao organismo. A ideia não é negar radicalmente a causa orgânica, mas tê-la como insuficiente para explicações do fenômeno.

Passa a considerar a pressão que a sociedade exerce sob os canhotos, e estes, apesar dela, mantêm a preferência instintiva pelo uso da mão esquerda. Há disposição congênita para a

¹ Pesquisadora do Núcleo de Antropologia do Direito (NADIR-USP); Doutoranda em Direito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela USP; Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH-USP. Desenvolve projeto de pesquisa financiado pela FAPESP. E-mail: rebecca.campos@gmail.com

assimetria, não é preciso negar, mas não tomar como explicação da preponderância absoluta da mão direita. Isso não aconteceria se não fosse fixado e reforçado por influências que são exteriores ao corpo humano.

Há um privilégio instituído pela sociedade, que é somado à questão orgânica, favorecida por uma educação que valoriza a mão direita enquanto reprime a esquerda. Por exemplo, a boa educação de uma criança é tornar sua mão esquerda inativa. E aos canhotos, a educação luta contra o instinto, e é a freqüente ambidestria.

Por outro lado, não é que a mão esquerda não teria poder ou força. Ao contrário, ela é submetida à *mutilação social*, processo este que afetaria a *função*, não a *forma*. É fisiológica, não anatômica; e a sociedade força por sanções positivas (ser canhoto é infração, que leva a *reprovação social*). Em suma, a assimetria orgânica é tomada enquanto *fato* e enquanto *ideal*, mas não é determinante capaz de explicar a origem e sua razão de existência.

Na segunda parte, Polaridade Religiosa, Hertz afirma que a preponderância da mão direita é imposta pela coerção social, garantida por sanções. E outra proibição age na mão esquerda e a paralisa, fato que ressalta a diferença em valor e função dos dois lados do corpo: o que tem características de *instituição social*. O estudo é para traçar a *gênese de um imperativo*, que é *estético*, mas, sobretudo, é *moral*.

As idéias secularizadas, que dominam a conduta, nasceram de forma mística, no reino das crenças. E assim vai explicar a dominância da mão direita em um *estudo comparativo de representações coletivas*.

Considerando a oposição fundamental que domina o mundo espiritual – entre o Sagrado e o Profano – todas as coisas – objetos, seres, representações, atos, etc – estarão impregnados com essência que os separa e lhes outorga poderes, e os sujeita a regras e restrições. E junto com a qualidade mística atribuída coloca-se uma oposição fundamental, separa em classes opostas, que não devem se tocar. Daí a variedade de proibições e tabus, para manter a separação e proteger ambos os mundos.

A antítese sagrado-profano varia de acordo com a posição na esfera religiosa, que classifica os seres. As coisas não são de mesma ordem, como não são os poderes: uns perturbam a harmonia da natureza das coisas (estes impõe medo e aversão), outros estão de acordo com a ordem do universo.

A partir de R. Smith, Hertz retoma a noção de tabu, este que compreende simultaneamente o sagrado e o impuro, o divino e o demoníaco. Sendo assim, o impuro é separado do sagrado, cada qual em um pólo extremo. Contudo, o profano não é puramente negativo, mas sim antagônico: pelo seu contato degrada, muda a essência do que é sagrado. “*Um nada ativo e contagioso*”, que coloca a noção da impureza e do contágio, figurando influência nociva sobre no que é dotado de santidade. Porém, vale ressaltar que a transição é imperceptível entre a falta de poderes sagrados e a posse de poderes sinistros.

A classificação que domina a consciência religiosa tem afinidade natural, equivalência, entre o impuro e o profano, cujo pólo é negativo, noções que se combinam em oposição ao sagrado, com pólo positivo do universo espiritual. O dualismo é a essência do pensamento primitivo e domina a organização social. Numa tribo, duas metades ou fratrias são opostas como sagrado e profano. O que está no interior é sagrado, e proibido, a metade oposta é profana. A existência da outra metade serve para exercer funções que são proibidas a cada parte – é condição necessária para a vida social. Portanto, a comunidade primitiva é investida de caráter religioso.

O dualismo é substituído, com a evolução da sociedade, por uma estrutura hierárquica rígida. Ao invés de clãs separados e equivalentes surgem castas e classes, onde o topo é o sagrado, não há equivalência, e a base é profana, inferior.

Mas o princípio de atribuição: em sociedades primitivas ou modernas, é o mesmo: a polaridade social é ainda *reflexo* e *consequência* da polaridade religiosa. Toma-se o universo como dividido em esferas contrastantes, que se atraem e se repelem conforme gravitam no sentido de um ou outro pólo. Os poderes favoráveis estão na esfera do sagrado, enquanto o profano é capaz de violar.

O profano e o impuro são poderes enfraquecedores e prejudiciais, exercem influência funesta que danificam o indivíduo. De um lado o pólo da força, do bem e da vida; e do outro a fraqueza, o mal, e a morte. Os deuses e os demônios.

As oposições da natureza mostram também o dualismo fundamental: claro e escuro, dia e noite, leste e oeste, norte e sul, alto e baixo, céu e terra. Representam no imaginário e localizam no espaço as duas classes contraditórias de poderes.

Acrescenta-se ainda o pensamento primitivo quando atribui um sexo aos seres do universo e objetos. Por exemplo, o que se dá entre os Maori: masculino tudo que é bom, e feminino o que é ruim. O homem é o sagrado, a mulher é o profano, mas que tem seu poder e seu

lugar no reino da bruxaria, do mistério, enquanto na sociedade é passiva e fraca. Dois sexos correspondem também ao sagrado-profano ou impuro, bem e mal. E a separação entre sexos vai também a divisão do trabalho, de modo que não há mistura ou confusão.

A distinção cósmica também baseada na *antítese religiosa primordial*.

O dualismo marca o pensamento inteiro das comunidades primitivas, influência a atividade religiosa, uma vez que a atividade ritual é dirigida por referência a dois pólos opostos, cada um com uma função, que corresponde ao contraditório e complementar da vida.

Tem-se, portanto, que a Lei da Polaridade tudo governa, e sendo assim, por que o corpo humano escaparia? Não, ele não pode escapar.

A sociedade e o universo têm um lado nobre e sagrado, e outro impuro e profano. Um forte, masculino, ativo; e outro fraco, feminino e passivo. De um lado o direito, de outro o esquerdo. Nada no universo é simétrico, porque segue a polaridade religiosa. E o corpo humano também a segue. Ele não poderia ser simétrico, pois seria exceção anômala, que arruinaria o mundo espiritual.

Na separação e contraste – polaridade – se têm *mutuamente exclusivos e excludentes* os poderes. Logo, não podem ocupar a mesma mão. A *interdição recíproca*, a *lei da incompatibilidade dos opostos*, vale pra todo o mundo da religião, para a sociedade e para o universo – e vale também para o corpo.

Se a assimetria orgânica não existisse, ela seria inventada para se adequar a lei da polaridade religiosa que rege o universo.

Na terceira seção, Hertz se volta às características da mão esquerda e da mão direita, remetendo à *consciência coletiva*, esta que concebe e avalia de forma diferente cada uma das mãos.

Tal fato aparece também na linguagem e no contraste entre as palavras que designam cada um dos lados. Os termos para a direita são unos e estáveis, para a esquerda são múltiplos e instáveis, aparentemente para reduzir o mal que ela carregaria. As palavras que atribuem à direita evocam coisas boas, para esquerda, o contrário. São construções arbitrárias. Para a direita o bom, o bem, ativo, forte, sagrado. Para a esquerda, o ruim e mal, fraco e passivo, o profano e o impuro. Os anjos e os demônios, novamente. Coisas boas vêm pela direita, as más influências pela esquerda (frequentemente protegida por amuletos).

Os termos que designam cada um dos lados remetem a características que são intercambiáveis, mas não simultâneas. Uma anula a outra. Os termos designam a mesma categoria de coisas, natureza comum, mesma orientação para um dos pólos do mundo místico. Portanto, conclui que uma tabela de contrários que se equilibram é constitutiva do universo.

Uma leve diferença de força física em uma das mãos não poderia mesmo explicar a diferenciação sobre elas, que é vigorosa e profunda. Direita e esquerda vão além do corpo humano – abarcam o universo inteiro. A oposição entre direita e esquerda tem o mesmo significado e aplicação que contrastes que estão por toda a parte, diferentes porém redutíveis ao *princípio comum*.

Em As funções das duas mãos, Hertz considera que as diferentes características atribuídas aos lados determinam a diferença de posição e função das duas mãos. Ou seja, cada mão age de acordo com a natureza das características dos lados: A mão direita o alto, poder, o bem, e a esquerda o baixo, o fraco, o mal. Considerando que as mãos são instrumentos com os quais os indivíduos agem, exemplifica-se na devoção: a mão direita, o sagrado, é usada para abençoar, consagrar, benzer. Enquanto isso, os poderes sinistros ocupam o lado esquerdo. A mão esquerda fica com ritos funerários, com exorcismo.

Em suma, não se trata de força ou habilidade, mas de funções diferentes, vindas das características diferentes de cada um dos lados, e incompatíveis, de natureza contrária.

Contudo, a mão esquerda não é desprovida de poder – o seu poder é o oculto, misterioso, ilegítimo – profano. Causa medo e repulsa. Quando a mão esquerda é dotada, é sinal de natureza perversa. É contrário a ordem das coisas. E são possíveis bruxos e feiticeiros. E inversamente, a preponderância exclusiva da mão direita é sinal divino, imune ao profano e ao impuro. Canhotos tendem as impurezas, o que evidencia a seleção social que favorece destros. A educação é dirigida no sentido de paralizar a mão esquerda para o desenvolvimento da direita – o que chama de *mutação social*.

A vida social envolve um grande número de práticas que são estreitamente ligadas à vida religiosa, sem serem parte integral dela. Na mão direita estão os atos – porque no lado direito estão os poderes que os tornam bons e eficazes. E a mão esquerda não pode concluir atos válidos, está privada de poder e de prestígio, porque o lado esquerdo é da fraude, da traição. Isso porque os lados direito e esquerdo são de valor e dignidade diferente.

Os usos que parecem ser puras convenções têm significado relacionado às crenças que lhe deram origem. E mesmo longe do santuário, o domínio dos conceitos religiosos é tão poderoso quanto dentro deles.

Segundo Hertz, o que é preciso ter em mente é a significação religiosa primeira do contraste entre direita e esquerda. Esta que atua nas mãos. De um extremo a outro do mundo, em cada sociedade, em todos os lugares, sagrados, profanos, no trono, na sala de jantar, na batalha, na indústria, na sala de julgamento. Em qualquer lugar há uma lei imutável que governa as funções das duas mãos.

O profano não se mistura com o sagrado, logo a mão esquerda não pode violar a mão direita. A supremacia da mão direita é *efeito* e *condição* necessária da *ordem* que governa e mantém o universo.

Portanto, a análise das características dos lados esquerdo e direito e das funções atribuídas a cada uma das mãos confirmam a tese primordial da obra de Hertz: que o coletivo (ou espiritual) super impõe-se ao orgânico e individual. Nesse sentido, a diferenciação obrigatória entre os lados do corpo é um caso particular, uma consequência, apenas parte do *dualismo inerente ao pensamento*.

São necessidades religiosas que levam a preponderância da mão direita.

Mas como o lado sagrado é atribuído ao direito? Alguns argumentam que a associação se dá pela adoração ao sol. Como se os lados do corpo servissem aos pontos cardeais. Mas essa idéia está apoiada em concepções naturalistas, o que estaria fora *de moda*. O mundo externo dá precisão às noções religiosas, mas não as cria.

As distinções aplicadas ao espaço e ao corpo têm mesma natureza, sendo assim, não se pode afirmar qual veio primeiro. Tem mesma origem: a *oposição entre sagrado e profano*. Vão então procurar na estrutura do organismo a linha divisória, que dirige o fluxo do bem para o lado direito.

A *coaço* que é exercida pela educação, representações e atitudes de caráter individual e coletivo. A causa da diferenciação está *além do individuo*, está na constituição da *consciência coletiva*. Ou seja, a idéia já está formada, e a insignificante assimetria corporal a vira numa direção. A *coaço social* adiciona aos membros opostos e neles incorpora qualidades opostas, que dão a ilusão de emanar espontaneamente da natureza.

O desenvolvimento exclusivo da mão direita como *proeminência moral*, em detrimento da paralisação da mão esquerda expressa a vontade de fazer o sagrado prevalecer sobre o profano. O homem é um ser duplo e sua esquerda e a direita são diferentes. Não é aqui que se procura a causa e o significado da polaridade que domina a vida religiosa e impõe-se ao corpo. O corpo não explica, é consequência da polaridade religiosa. É um problema particular que remete a outro mais geral.

A assimetria e a diferenciação das mãos remetem a questão mais geral: a *polaridade religiosa* que governa o universo e impõe-se pela *consciência coletiva*. As representações intelectuais e morais para a esquerda e para a direita são categorias anteriores aos indivíduos e experiências individuais, ligadas a estrutura do pensamento social. São categorias transcendentais. Os diferentes atributos das duas mãos são, em parte, trabalho da vontade humana, mas há *causas sociais* que levaram a diferenciação.

No entanto, essas causas sociais não são imutáveis. Foram idéias religiosas antigas que colocaram distâncias e fundou a preponderância exclusiva da mão direita. Mas essas idéias enfraquecem. A distinção *bem e mal* ligada à *antítese esquerda e direita* não deixará de existir na *consciência coletiva*, mas a mão esquerda poderá ser menos vítima da *coerção social*. Um ideal místico fez por muito tempo um indivíduo unilateral, *mutilado socialmente*. A oposição não desaparece, mas a mão esquerda poderá um dia desenvolver-se mais harmoniosamente.

(Resenha escrita por uma canhota)

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

HERTZ, Robert. A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In. *Religião e Sociedade*, vol.06, 1980.